

**VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo**  
**IV Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo**  
**II Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo**

**Comida e alimentação na sociedade contemporânea**

9,10 e 11 de novembro de 2016

Universidade Federal Fluminense em Niterói/RJ

**Ativismo na joalheria contemporânea**

1. Profª. Drª. Ana Neuza Botelho Videla
2. Profª. Drª. Kátia Medeiros de Araújo

**Resumo:** A proposta desse estudo é analisar a joalheria contemporânea, segmento da joalheria, cuja aproximação com as artes visuais se opera pela produção de trabalhos mais experimentais. A atuação nesse segmento pode ter a intenção de problematizar a ornamentação corporal, ou a própria linguagem da joalheria, ou ainda o propósito de criar peças que, por exemplo, se assemelhem às extensões corporais. Através da trajetória dos informantes, artistas joalheiros latino americanos, observou-se que a atuação na joalheria de arte depende de uma série de fatores determinantes. O estudo da joia implicou em seguir os atores nas suas práticas e na forma como eles elaboravam e explicavam o fazer da joalheria como expressão artística. Na formulação da joia como objeto de arte, argumentam que possuem o mesmo espaço exploratório que a arte, a diferença é ter como suporte o corpo, o qual gera um modo mais direto de experimentar o objeto, tanto através da interação entre os expectadores, como individualmente, tendo o corpo como plataforma de exibição. Neste estudo, me apoio na obra de Bruno Latour para pensar a constituição do segmento, através de uma associação performativa. Como resultados, observamos que os joalheiros, por se situarem entre os dois campos de práticas, arte e design, parecem se encontrar em um espaço liminar. Do ponto de vista metodológico, foi utilizada a etnografia para compreender a maneira como os artistas joalheiros realizam seus projetos e como se reconhecem e se autodenominam, além de identificar os aspectos que condicionam a forma de atuação na busca por se aproximar dos paradigmas da arte contemporânea.

**Palavras-chave:** Joalheria Contemporânea; Antropologia; Bruno Latour.

1. Professora da Universidade Federal do Cariri – UFCa, Drª em Design pela UFPE; [ana.videla@ufca.edu.br](mailto:ana.videla@ufca.edu.br)
2. Professora da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Drª. em Antropologia pela UFPE; [katia\\_araujo@hotmail.com.br](mailto:katia_araujo@hotmail.com.br)

## 1. Introdução

Para essa comunicação, apresento parte do material coletado sobre joalheria contemporânea, o qual integrou a pesquisa realizada para a tese de doutorado (Videla, 2016). A proposta para esse estudo foi identificar, entre as categorias da joalheria desenvolvidas na atualidade, a que se posiciona como produtores de objetos de arte. Historicamente, esse segmento buscava problematizar os aspectos constitutivos do campo, trazendo conceitos a partir do envolvimento com a linguagem da joalheria, tais como: luxo, preciosidade, materiais, técnicas, tipologia adotada e ornamentação.

De acordo com a argumentação deste estudo, a identificação das joias produzidas por artistas e seu respectivo contexto, permite evidenciar uma análise das estruturas e processos que condicionam os desempenhos dos sujeitos. Portanto, a abordagem adotada abarcou tanto o ponto de vista do sujeito e seu contexto, quanto a agência do objeto resultante na formação de coletivos<sup>1</sup>, muito embora o enfoque para essa comunicação resida no primeiro aspecto.

O estudo da joia implicou em seguir os atores nas suas práticas e na forma como eles elaboravam e explicavam o fazer da joalheria de arte. Assim, o método que norteou essa pesquisa foi a etnografia, através da incursão à campo em três momentos diferentes. O primeiro contou com a observação de dois joalheiros contemporâneos do Rio de Janeiro, em seguida foi a vez de acompanhar o “Sin Título”, coletivo de artistas joalheiros mexicanos, durante o estágio doutoral na Cidade do México, que ocorreu nos sete primeiros meses de 2015, permitindo dar continuidade ao trabalho de campo com joalheiros contemporâneos estrangeiros e, por último, através da participação no Simpósio de joalheria contemporânea “En Construcción II”, no Chile. Ao focar na arte joalheria ou joalheria contemporânea, denominações que se equivalem e são adotadas de modo intercambiáveis, a intenção foi conhecer, a partir de suas práticas, a maneira como os joalheiros contemporâneos realizam seus projetos, como se reconhecem e se autodenominam, além de identificar as circunstâncias que os aproximam dos paradigmas da arte contemporânea.

Vale ressaltar que a ideia deste estudo não foi a de encontrar um modelo único de atuação, mas seguir os próprios atores e, dessa forma, entender suas inovações. Se for correto afirmar que a Teoria do ator-rede – TAR, como assegura Bruno Latour (2004, 2012), funcionaria melhor para o que ainda não foi agregado, entende-se que a teoria pode auxiliar na compreensão desse segmento da joalheria tanto no Brasil, quanto no México, onde as condições de produção da joalheria contemporânea se assemelham.

O contato com os informantes do exterior ocorreu a partir de duas fontes diferentes, as quais me chamaram atenção para o que estava acontecendo em termos de joalheria contemporânea no México. A primeira fonte

---

<sup>1</sup> Nesse estudo o termo coletivo é utilizado de duas maneiras. A primeira é em referência ao grupo de artistas joalheiros,

foi um repost<sup>2</sup> publicado por uma joalheira inglesa, Jo Pond, no seu perfil do Instagram, em abril de 2014. O post original era de um perfil chamado “the jewellery activist”. Esse nome, relacionado a um ativismo na joalheria, me chamou muita atenção, de tal modo que, através de uma busca, acabei chegando ao nome de Holinka Escudeiro e de sua rede de comunicação, a qual compreende, uma conta no Instagram, uma página no Facebook e um blog <<http://holinkaescudero.com/blog/>>. Esse é o meio pelo qual Holinka utiliza para apresentar a joalheria contemporânea, tanto o coletivo do qual faz parte, o “Sin Título”, quanto os vários eventos relacionados a essa categoria por todo o mundo. Mas como a própria Holinka explica, ela precisava de um nome que se diferenciasse dela mesma, um nome para a comunicação da joalheria contemporânea. E foi a partir dessa busca que surgiu o título “the jewellery activist”, o qual dá nome ao site <[www.thejewelleryactivist.com](http://www.thejewelleryactivist.com)> e ao broche, Figura 1.

Es lo que te digo: con mi blog, primero estaba conectada con la página de mí trabajo comerciales, entonces el blog era conocido como Holinka Escudero. Después eso no me decía nada, era como Yo, no era eso. Después era ¿o que significa joyería contemporánea? Tampoco me checaba y después de mucho tiempo me concedí el título de “the jewellery activist”. Llegó el momento en que me pregunté, ¿que estoy haciendo? Todo el día, todos los días estoy detrás del monitor viendo joyería, entonces me di cuenta de que la manera en la que me desenvolvía era la manera de un activista. No un activismo heroico, pero la joyería es mí causa y mi convicción<sup>3</sup>.

**Figura 1: Jewellery Activist, Holinka Escudeiro. Broche. 2015**



Fonte: Adaptado de “<http://www.thejewelleryactivist.com/>”

A outra fonte foi um artigo de Kevin Murray, publicado no site <[www.artjewelryforum.org](http://www.artjewelryforum.org)>, “Keeping the Faith with Contemporary Jewelry”, no qual ele analisa o surgimentos do coletivo de artistas joalheiro

---

<sup>2</sup> O repost é uma ferramenta que permite, ao usuário da rede social instagram, repassar um conteúdo de sua comunidade, mantendo a autoria original da quem postou a mensagem.

<sup>3</sup> É o que te digo, com o meu blog estava conectada com a página do meu trabalho comercial, então o blog era conhecido como Holinka Escudero. Depois disso não me dizia nada, era como eu, não era isso. Depois era, o que significa Joalheria Contemporânea? Tampouco me confirmava e depois de muito tempo me deu o título de “the jewellery activist”. Chegou o momento que me perguntei, o que estou fazendo? O dia todo, todos os dias estou detrás de monitor vendo joalheria, então me dei conta de que a maneira em que me desenvolvía era a maneira de uma ativista. Não um ativismo heroico, mas a joalheria é a minha causa e minha convicção. (Tradução nossa). Holinka Escudero, encontro realizado no dia 30 Janeiro 2015.

mexicanos, “Sin Título”, e também do coletivo taiwanês, Mano MânMàn. De acordo com o autor, a formação de coletivo foi uma maneira que os joalheiros encontraram para driblar as dificuldades com as quais se deparam, tanto no México, quanto em Taiwan, visto que em ambos contextos, diferentemente do Europeu, não encontram espaços de exposição ou colecionadores. Dessa forma, esses atores resolveram se unir para enfrentar tais dificuldades e buscar novas abordagens para atuar na joalheria de arte. Ou seja, segundo Murray, a partir de outras formas de atuação, os coletivos encontrariam caminhos para apresentar a produção de joalheria contemporânea.

Portanto, mesmo antes de ir ao México, pude observar, através do artigo de Murray e do blog da Holinka, que o cenário mexicano da arte joalheria tinha muitas semelhanças com o que acontecia no Brasil. De forma que, se a análise de Murray estivesse correta, interessava conhecer esse trabalho coletivo, que sinalizava para um novo caminho na produção da joalheria contemporânea.

## **2. Liminaridade da Joalheria Contemporânea**

Inicialmente, pode-se afirmar que a joalheria contemporânea é uma categoria que se contrapõe à joalheria industrial ou ao modelo que é praticado com intuito de obter escala. A fim de ilustrar o surgimento da joalheria contemporânea, cito o depoimento de Rudolf Ruthner<sup>4</sup>, para quem essa categoria surgiu para se contrastar à alta joalheria e aos altos custos envolvidos nos materiais empregados nas peças. Rudolf explica que na década de 1960 os produtores mais jovens, formados nas melhores escolas Europeias, dominavam com maestria a técnica da ourivesaria. Assim, para se contraporem à alta joalheria, passaram a desenvolver um trabalho de cunho mais pessoal, cuja proposta foi misturar materiais nobres com materiais alternativos.

De novo, a joia contemporânea começou nos anos 70, não? Eu conheci pessoas que começaram com isso. Meu amigo fez a primeira exposição quando abriu a Electrum Gallery, em Londres, ele foi o primeiro. Como aconteceu? Veio da ourivesaria tradicional, não da ourivesaria, mas de certa forma da ourivesaria tradicional, cada um, esses artesãos, procuraram uma linguagem própria, cada um desenvolveu um determinado estilo e se afastaram da alta joalheria. Eles foram contra essa forma de fazer joalheria porque era muito caro, as pedras eram caras e coisas assim. Mas os primeiros contemporâneos em 1960 e 1970, eles usaram materiais tradicionais e não tradicionais cada um, Hermann Jünger, meu amigo Fritz Maierhofer, de Viena, criaram uma coisa, quando você via a peça sabia de quem era e eles tinham clientela, eles vendiam. (Entrevistado)<sup>5</sup>.

A fim de compreender a constituição de uma nova categoria da joalheria, introduz-se a noção de liminaridade, (TURNER, 1974), a qual tem como característica o espaço de ambiguidade, “uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural” (TURNER, *Op. Cit.*, p. 117). Nesse sentido, o

---

<sup>4</sup> Rudolf Ruthner é natural de Viena, Áustria, nascido em 1941. Em 1966, se formou em mestre de ourivesaria e prataria e complementou sua formação através da trabalho desenvolvido em vários ateliês, tanto em Viena, como em Munique. Mora no Brasil desde 1974.

<sup>5</sup> Rudolf Ruthner, encontro com joalheiros em 14 Junho 2014.

espaço liminar não pertence nem a um campo, nem ao outro, ao mesmo tempo em que tem alguns aspectos de um campo e de outro, como se estivessem num limbo, sem pertencer ou poder ser classificados em uma posição ou outra. Em geral, a liminaridade é definida como espaços que se localizam nos interstícios da estrutura social, pois fogem das classificações dos campos que a influenciam.

A Joalheria estaria na zona cinzenta, termo cujo significado se aproxima ao de liminaridade, tendo sido usado no Simpósio de joalheria contemporânea, ocorrido em 2010, na Cidade do México, “Walking in the gray area”, cuja intenção foi denominar uma área indefinida e de difícil demarcação. Todavia, além da pouca clareza sobre o campo de atuação dos joalheiros contemporâneos, também vale ressaltar a ambiguidade gerada pela influência que dois distintos campos exercem sobre a joalheria, pois conforme os relatos dos produtores, a joalheria possui características que não podem ser definidas exclusivamente pela arte, nem pelo design, está entre uma área e outra, uma vez que conta com atributos tanto de uma disciplina, como da outra.

Como as categorias que compõem a joalheria se distinguem por se aproximarem de formas distintas das duas disciplinas, em que algumas se aproximam mais da arte e outras mais do design, possuem características de um e outro campo, embora não sejam nem arte, nem design exclusivamente, dessa forma, o campo da Joalheria ocuparia esse espaço liminar por estar entre os dois campos. Para ilustrar essa posição, reproduzo uma conversa que ocorreu entre os joalheiros contemporâneos mexicanos.

Cristina: entonces estas como moviéndote en hilo y no sabes bien donde “tlin”, allí es donde tienes que quedar en el medio, o al mejor, mas allá hacia el arte, o al mejor allá hacia el diseño, donde vas llegar. Estamos así todos, tratando de encontrar nuestro lugar.

Alberto: Si, porque además en diseño la joyería es como: ah, joyería es donde diseño. Y el arte, ah, joyería ... hahahah

Fernanda: Allí tampoco tenemos un lugar<sup>6</sup>.

Mas nesse caso, em que cada categoria se posiciona de forma distinta no espaço entre as disciplinas que as influenciam, em algumas dessas categorias o espaço liminar está menos evidenciado. É o caso dos segmentos da joalheria que passaram a adotar as práticas do design, nos quais vê-se, gradualmente, a consolidação do seu emprego. Pode-se até questionar a intensidade da utilização do design ou a segmentação de suas práticas, mas é incontestável a introdução do design pelos empresários joalheiros, ao mesmo tempo em que há o entendimento de que essa prática profissional pode auxiliar na competitividade dos negócios. Em contrapartida, no segmento da joalheria que se aproxima mais dos paradigmas da arte, fica mais pronunciada a ocupação do espaço liminar.

---

<sup>6</sup> Cristina: Então estás como te movendo em um fio e não sabes bem onde o “clic”, ali é onde tens que ficar no meio, ou melhor mais pra lá em direção à arte, ou melhor ali em direção ao design, onde vais chegar. Alberto: Sim, porque além disso no design a joalheria é como: ah, aonde que joalheria é design. E a arte, ah, joalheria...Fernanda: ali tampouco temos um lugar. (Tradução nossa). Encontro com o coletivo “Sin Título” em 8 Abril 2015.

Nesse contexto, os joalheiros que se auto denominam artistas joalheiros parecem se encontrar em um espaço à margem das convenções. De um lado, afirmam que o que os diferencia das outras formas de produzir joalheria é a exploração ou experimentação<sup>7</sup> da joia, em que a própria concepção de joalheria sofreu uma expansão, podendo ser um objeto, um vídeo ou imagem, cujo intuito pode ser problematizar os efeitos de adornar, ou de refletir sobre o sentido de tomar emprestado as qualidades aparentes das coisas, ou mesmo questionar a própria linguagem da joalheria, como o luxo, a preciosidade, a ornamentação ou a tipologia. Por outro lado, a distinção que esses produtores ressaltam entre as suas atividades e as outras expressões artísticas é a interação com o corpo. Para defenderem a formulação da joia como objetos de arte argumentam que possuem o mesmo espaço exploratório que a arte. A diferença é ter como suporte o corpo, o qual gera um modo mais direto de experimentar o objeto, tanto através da interação entre os expectadores, como individualmente, tendo o corpo como plataforma de exibição.

Para mí, el campo de la Joyería Contemporánea es un espacio exploratorio en que al arte ha buscado, a través de un nuevo soporte, una clase de interacción mucho más directa con los espectadores y con el modo de experimentar las obras y exhibirlas. Considero que su interacción con el cuerpo humano es básica, pues es ahí donde la diferencia entre “Joyería de arte” y “escultura” tiene lugar. Creo que una pieza de Joyería Contemporánea debe tener ante todo un discurso implícito; una intención o un concepto, que al instante de ser portada, sea reforzado o incluso completado por el cuerpo mismo.<sup>8</sup>

Em vários depoimentos dos joalheiros é recorrente a definição da joalheria contemporânea como uma atividade de expressão artística, que se diferencia de outras linguagens por usar o corpo como suporte. A interação do objeto-joia e corpo ou o corpo sendo afetado pelo objeto e vice versa, em que o trabalho muitas vezes se completa no uso, seria a diferença seminal entre a joalheria e outros segmentos da arte. De acordo com o depoimento de Francisca Kweitel<sup>9</sup>, muitos trabalhos saem do espaço físico do corpo e nem todo resultado da produção de arte joalheria precisa ser portado ao corpo. Para exemplificar, Francisca cita o trabalho de Liesbet Bussche, “Urban Jewellery”, Figura 2, em que o trabalho é um colar de bolas de areia no meio de uma obra, no espaço urbano. Outro exemplo que Francisca recorreu foi o trabalho que Gemma Draper<sup>10</sup> realizou durante seu período de residência em Middlesbrough, na Inglaterra, que consiste em

---

<sup>7</sup> O sentido que se adota para o termo “experimentação” se refere a uma atuação que rompe com as convenções e desafia as tradições da joalheria.

<sup>8</sup> Para mim, o campo da joalheria contemporânea é um espaço exploratório em que a arte tem buscado, através de um outro suporte, uma tipo de interação muito direta com o espectador e a forma de experimentar as obras e de exibi-las. Considero que é básica a interação com o corpo humano, pois é aí que ocorre a diferença entre arte joalheria e escultura. Acho que uma peça de joalheria contemporânea tem que ter antes de qualquer coisa um discurso implícito, uma interação ou um conceito, em que no momento de ser portada seja ressaltado ou completado pelo corpo. (Tradução nossa). Alberto D’Avila, participante do coletivo “Sin Título”, encontro no dia 23 Fev 2015, na Cidade do México.

<sup>9</sup> Francisca Kweitel é joalheira contemporânea, tendo formação em Design de Indumentária, na Universidad de Buenos Aires, e em joalheria na Escola Massana, em Barcelona. Se reconhece como gestora e já realizou vários eventos de joalheria, o mais recente foi o Simpósio “En Construcción II”, que ocorreu entre 1 a 5 de Setembro de 2015, em Valparaíso, Chile.

<sup>10</sup> Conheci Gemma Draper devido a sua participação no Simpósio “En Construcción II”, em setembro de 2015. Foi nesse evento que assisti sua palestra, na qual apresentou o trabalho que desenvolveu na residência artística na Inglaterra, além de ter aproveitado para conhecer seu posicionamento sobre a joalheria contemporânea.

fotografias de sinalização das ruas da cidade, mais especificamente no bairro que morou, onde as ruas tinham nomes como, Rua Pérola, Rua Diamante, Rua Esmeralda, Rua Coral e assim por diante. Para a comunidade local, Gemma explica, a localização se chama de *Jewellery Streets*. A coincidência de morar nessa localidade a fez realizar uma série de fotos com as sinalizações, pois como ela mesma comentou, era a primeira vez que usava pedras preciosas no seu trabalho de joalheria.

**Figura 2-** Urban Jewellery.



**Fonte:** Bussche, Liesbet (2009).<sup>11</sup>

Portanto, mesmo que os trabalhos citados por Francisca escapem do espaço físico do corpo, todos eles fazem referência à linguagem da joalheria, ora usam uma tipologia da joalheria, como o colar, mesmo que em espaços urbanos e em grande escala, ora usam equipamentos ou sinalizações da cidade por adotarem termos recorrentes ou materiais adotados na tradição joalheira, tendo como produto ou resultado final as imagens. Desse modo, observa-se que vários trabalhos não necessariamente usam o corpo como suporte, mas fazem referência ao universo da joalheria. Ainda de acordo com Francisca, a aproximação com a arte, ou melhor, os que fazem arte a partir da atuação na joalheria, buscam romper com os limites impostos pelas convenções da joalheria. Então passam a experimentar em outras disciplinas e mesmo que continuem fazendo joalheria, passam a se denominar como criadores ou artistas.

[...] quizás en algunos trabajos como en las fotos intervenidas que tenía Célio<sup>12</sup> en la exposición, ¿son joyería? Son fotos, papeles, plastificadas, puestas en la pared, no se llevan

<sup>11</sup> VER: [http://www.liesbetbussche.com/urban\\_jitc.html](http://www.liesbetbussche.com/urban_jitc.html)

<sup>12</sup> Célio Braga foi um dos joalheiros que ofereceu oficinas no Simpósio “En Construcción II”. Sua formação foi na Gerrit Rietveld Academie, Amsterdam, Holanda. Atualmente mora entre Amsterdam e São Paulo. Define o seu trabalho como um registro da

en el cuerpo, ahora las piezas que estaban dentro de la caja de Célio, ¿Son joyería? Tienen pin, se pueden poner de alguna forma. Bueno, es un artista, el lo decía, yo soy un creador. El mismo lo decía también que el tenía problemas con sus piezas, porque dentro da joyería eran un poco difíciles de serien llevadas, pesadas, grandes y dentro de la escultura son muy pequeñas. Entonces es como ni una, ni la otra. Ahí es donde los límites empiezan a volver confuso. Y con Gemma me parece que pasa lo mismo, no sé. Cuando te pones a sacar fotos de las calles porque se llaman piedras preciosas o porque lo que sea, o cuando se pone a hacer esos dibujos monoprint, grabados, cual es el límite? Entonces, a mí, el simposio sí me importa mucho, me importa que eso sea cada vez más. Sí, es un encuentro de joyeros, pero hasta donde podemos empujar en esos límites<sup>13</sup>. (Entrevista)<sup>14</sup>.

Outro aspecto muito enunciado, sobretudo pelos integrantes do coletivo “Sin Título”, aponta para a função de comunicação das joias. Nesse sentido, como expressou Fernanda Barba, artista joalheira mexicana, “desde luego este tipo de joyería es arte, ya que expresa y tiene el interés de comunicar y hacer sentir”, ou ainda, em outro momento da mesma conversa, quando reforça a aproximação entre a joalheria contemporânea e a arte, “desde el momento en el que no es diseño de joyería, sino una pieza que es emocional”. Para Cristina Celis, a joalheria contemporânea pode ser definida como, “piezas únicas, con manufactura precisa, impecable que transmiten un significado, un mensaje y vuelcan el interior de quien las creó”<sup>15</sup>. No mesmo sentido, Alberto D’Avila diferencia as duas disciplinas por observar que quando a joalheria é arte sua intenção é comunicar inquietudes do artista.

A partir dos depoimentos acima, pode-se identificar duas formulações usadas na definição da arte joalheria e do seu espaço de liminaridade, de um lado, observa-se que as declarações dos joalheiros contemporâneos que passaram por escolas e que fizeram formação neste segmento da joalheria, exploram e experimentam com mais intensidade as fronteiras que demarcam o espaço de um campo, até ao ponto de alguns produtores se incomodarem em manter a denominação de joalheiros. Nesse sentido, os relatos de Célio Braga, Gemma ou de Francisca, após alguns trabalhos mais transgressores, como performance, vídeos, fotografias, apontaram para as dúvidas em relação à atividade de atuação, chegando a se questionar se estavam fazendo joalheria. Por trabalho transgressor entende-se trabalhos em que as fronteiras entre as disciplinas ficam mais difusas. Para Francisca, as classificações apenas facilitam as conversações, mas não fazem sentido,

---

fragilidade do corpo humano em relação à passagem do tempo. Trabalha com várias técnicas e faz uso de fotografia, vídeos e performance, além dos objetos que podem ser portados ao corpo.

VER: <http://www.celiobraga.net/search/label/00.Celio%20Braga>

<sup>13</sup>[...] talvez em alguns trabalhos, como nas fotos com intervenções de Célio, que foram apresentadas na exposição, são joias? São fotos, papéis plastificados, postos na parede, não se usa no corpo, agora as peças que estavam dentro da caixa de Célio, são joalheria? Têm pin, se pode por de alguma maneira. Bom, é um artista, é o que dizia, ‘eu sou um criador’. Ele mesmo o dizia também que tinha problema com suas peças, porque dentro da joalheria eram um pouco difíceis de serem portadas, pesadas, grandes e dentro da escultura são muito pequenas. Então é como nem uma, nem outra. Aí é onde os limites começam a ficar confusos. Quando te pões a tirar fotos das ruas porque se chamam pedras preciosas ou o que seja, ou quando se põe a fazer desenhos monoprint, gravuras, qual é o limite? Então, para mim, o simpósio me importa muito, me importa que isso seja cada vez mais. Sim, é um encontro de joalheiros, mas até onde se pode empurrar estes limites. (Tradução nossa).

<sup>14</sup> Francisca Kweitel, entrevista concedida em 9 Setembro 2015, em Buenos Aires.

<sup>15</sup> Peças únicas, com manufatura precisa, impecável, que transmitem um significado, uma mensagem e derrame o interior de quem as criou. (Tradução nossa).

concluindo que “voy ser siempre joyera, porque lo fue de una forma muy intensa y ya está dentro de mi cuerpo. Entonces eso no se va ir más<sup>16</sup>”.

Do outro lado, nas formulações dos joalheiros autodidatas prevalece a reinterpretação que dão para o trabalho realizado no interstício das diferentes disciplinas. Assim, a diferenciação que os joalheiros fazem entre a joalheria de design e de arte está relacionada a quem o trabalho está direcionado, se precisa atender às necessidades do usuário ou do artista. Para esse grupo, a definição mais recorrente da joalheria contemporânea é a de comunicar intenções e inquietações do criador, mesmo que essa comunicação seja para uma audiência pequena. Outro aspecto salientado está relacionado à escala, em geral, identificam a joalheria contemporânea à fabricação de peças únicas. Em suma, como a joalheria contemporânea realizada na América Latina é mais recente, onde não há formação especializada pelas instituições culturais - escolas, galerias, museus – prevalece o autodidatismo e a reinterpretação da atuação na área. Portanto, o que predomina no entendimento do trabalho de arte é a comunicação e expressão de questões pessoais do artista.

### **3. Ativismo dos joalheiros contemporâneos**

Nas ações que pude acompanhar do “Sin Título”, havia uma nítida preocupação em formar público e posicionar a joalheria contemporânea, através da diferenciação com os outros segmentos da joalheria. Isto é, mais do que a comercialização dos produtos, o foco das ações do coletivo residia na constituição da joalheria contemporânea. Em um desses eventos, o grupo convidou a professora Daniela Rivera<sup>17</sup>, de Guadalajara, para realizar uma palestra sobre sua experiência em joalheria contemporânea, o qual aconteceu no dia 26 de junho de 2015, no Estúdio “Sin Título”, localizado no Barrio Alameda, região central da Cidade do México. A ideia do coletivo, ao promover esses eventos, é apresentar e divulgar o próprio segmento de joalheria contemporânea. Para isso, pretendiam formar uma agenda de eventos para movimentar o Estúdio Sin Título, sendo as palestras um importante momento de discussão e de formação de público.

Aqui no Brasil, a ausência de uma série de instâncias desse segmento repercute na resistência que os produtores identificam para o desenvolvimento da atividade; assim, não há uma formação de joalheria de arte, as escolas existentes oferecem formação técnica em ourivesaria. Da mesma forma, inexistem espaços expositivos e de comercialização do trabalho de joalheria de arte. Nesse sentido, os produtores se tornam autodidatas, pois não encontram espaço para fazer formação e tampouco para encaminhar suas carreiras, como expor e comercializar os seus trabalhos. Esse aspecto é ressaltado no depoimento de Mirla

---

<sup>16</sup> Vou ser sempre joalheira, porque o fui de uma forma muito intensa e já está dentro do meu corpo. Então isso não vai mais embora. (Tradução nossa)

<sup>17</sup> Daniela Rivera, Guadalajara, (1985). Fez licenciatura em Desenho Industrial, ITESM Campus Guadalajara (2003-2008), tem formação em Joalheria Contemporânea pela Escola d'art i Superior de Disseny de València EASD Valencia, España (2008-2010).

Fernandes<sup>18</sup>, quando identifica sua dificuldade em trabalhar a favor da constituição desse segmento. Ou seja, o esforço em delimitar e movimentar um segmento ainda incipiente foi sentido como excessivamente grande: “esse meu discurso de batalha, eu me sentia muito batalhando. Eu acho que aqui no Brasil a abordagem é muito comercial. Não tem interesse. Não tem mercado e não tem interesse também.”

Para Mirla, um dos aspectos mais crítico da categoria da arte joalheria é a exposição e consequente comercialização do trabalho, “existe um mercado bastante específico e limitado para a arte joalheria, que é predominantemente Europeu e se distingue do mercado da joalheria comercial, seja ela industrial ou artesanal. Distingue-se ainda do mercado da moda e do acessório” (Entrevistada). Assim, a inexistência desse mercado no Brasil, impossibilita a seu desenvolvimento para muito dos interessados pela atividade. Na medida em que não há instâncias de comercialização da arte joalheria, não dá para viver dos frutos dessa produção. A solução encontrada por Mirla foi comercializar e divulgar seu trabalho na Europa, onde, inclusive, realizou parte de sua formação.

Mirla foi extremamente atuante no segmento; criou um blog, <<http://novajoia.blogspot.com.br/>>, que funcionou de 2006 a 2014, cuja proposta era “informar e divulgar a Arte Joalheria no Brasil e fora, além de promover o intercâmbio de ideias através de exposições, cursos e palestras.”

Sou formada em Farmácia Bioquímica (USP) e no último ano de Farmácia eu comecei a pintar e logo fiz exposição no Itaú Cultural. Aí pensei que queria ir mais pra esse lado. Depois que eu fiz essa exposição comecei a estudar pintura e entrei na FAAP, Educação Artística. Aí eu queria arrumar um emprego, ter um trabalho. Achei um estágio em joalheria e comecei a fazer. Aprendi na raça, mas tinha que fazer tudo lá. (Entrevistada).<sup>19</sup>

Como Mirla transitava no mercado europeu, conheceu profissionais consagrados do segmento da joalheria contemporânea e alguns foram convidados a vir ao Brasil desenvolver workshops. Devido a essas ações, foi considerada por seus colegas como uma representante do segmento da joalheria contemporânea no Brasil. No entanto, poucos meses após o início da minha pesquisa, Mirla revela que estava pensando seriamente em se afastar da joalheria contemporânea. Essa intenção passou a se conformar a partir da defesa de sua dissertação no Programa de Artes da Unicamp, cujo objeto de investigação foi o seu trabalho de joalheria. O ponto de partida para esse questionamento foi a arguição de um dos membros da banca sobre a denominação do seu trabalho.

Mas isso você não podia chamar de objeto? Eu falei, posso, porque não? Você não pode chamar de desenho? Posso. Então eu vi que o meu trabalho estava confinado num nome, que confina ele em lugares menor. Sem fronteiras eu deixo ele circular mais...” (Entrevistada)<sup>20</sup>.

---

<sup>18</sup> Mirla Fernandes, em maio de 2014, informou sua decisão em se afastar da joalheria. De toda forma, optou-se por manter os depoimentos de Mirla, uma vez que além dos seus relatos adicionaram riqueza ao trabalho, o próprio movimento de se afastar da joalheria contribuiu para o esclarecimento da atuação na joalheria contemporânea.

<sup>19</sup> A entrevista foi realizada em uma de suas exposições, na qual pude acompanhar a interação que ela proponha com o público. A exposição Cetro (individual) aconteceu no SESC Tijuca, Rio de Janeiro, em 31 de Maio 2014.

<sup>20</sup> Mirla Fernandez, entrevista concedida em 31 maio 2014, Rio de Janeiro.

O teor da fala da Mirla deixa claro o seu entendimento do lugar da joalheria contemporânea enquanto atividade: denominar o seu trabalho de joalheria era reduzi-lo a uma categoria de pouco alcance, pois implicava em limitar a circulação e o reconhecimento de seu trabalho artístico, aspecto que Mirla considerou relevante e a fez interromper o percurso da sua trajetória na joalheria contemporânea. Esse aspecto, a limitação da joalheria no campo artístico, foi observado nos depoimentos de alguns artistas joalheiros estrangeiros presentes no Simpósio “En Construcción”.

Muito recentemente, em 2012, a Galeria Thomas Cohn<sup>21</sup> passou a expor joalheria contemporânea; no entanto, quase não se apresentam trabalhos de brasileiros neste espaço. A explicação fornecida para essa decisão foi a falta de consistência dos trabalhos que são feitos no Brasil.

[...]eu não quero inventar para o mundo que o Brasil inventou a joia de arte, que vale a pena ser conhecido. Eu quero formar o consumidor, o mercado. [...] aqui não tem mercado e os artistas não têm eco, não há motivo para o qual eles tenham que trabalhar para obter um resultado.

E a explicação que ele fornece para o contexto ao qual nos encontramos é a falta de escolas.

o trabalho que é feito aqui, em termos de qualidade, está para trás. Porque não tem condições de está na frente. Veja só, suponha que você quer ser uma grande artista em fazer joia, então aonde você vai? Você não tem aonde ir.”

“Porque tem as escolas e porque gente de todo lado do mundo vão parar aí. Então, transponha isso pra joalheria e você tem a Gerrit Rietveld, na Holanda, as numerosas universidades alemãs e agora, desde o início do século, na Escandinávia também. Bem, e ainda tem a Austrália, Nova Zelândia, onde também há um movimento sobre isso. E você vê que artistas de Taiwan, da Ásia em geral, vão onde? Vão à Europa. Eu sei que esse artista que fez esse colar com a borboleta é taiwanês. E estuda onde? Em Birmingham, na Inglaterra. Para Gerrit Rietveld, na Holanda. Na Alemanha tem três cidades, Idar-Oberstein, Munique e Pforzheim; onde se faz joalheria, antes a clássica, e agora também a contemporânea. Então, os artistas se encontram aí, onde tem as melhores escolas, estão os melhores artistas. (Entrevistado)

A condução do relato é a de que os países que possuem as melhores escolas, são também local onde se discute as questões do campo; e é para onde as pessoas do mundo inteiro interessadas em joalheria contemporânea se dirigem em busca de formação.

Outro aspecto que apresenta semelhanças nos dois países, Brasil e México, é o desconhecimento do segmento de joalheria contemporânea. Para Cohn, mais do que resistência do mundo da arte em reconhecer que a joalheria contemporânea é arte, o desconhecimento é o maior problema. Ele mesmo se disse surpreso ao descobrir esse “nicho da arte” e, para matar sua curiosidade, teve que se informar, foi preciso estudar a produção do segmento. Poleta Rodete, artista joalheira mexicana, também chamava atenção para o

---

<sup>21</sup> Thomas Cohn nasceu em 1934, na Alemanha. Em 1982, abriu sua primeira galeria de arte, no Rio de Janeiro. Como houve uma retração do mercado carioca de arte, em 1997, Cohn mudou a galeria para São Paulo. Foi responsável por apresentar vários nomes que se tornaram consagrados no mercado de arte contemporânea, como: Lia Menna Barrero, Lygia Pape, Adriana Varejão, Edgard de Souza, Caetano de Almeida, Leda Catunda, Walter Goldfarb, Rosana Palazyan, Raquel Garbelotti e Leonilson. Seu mais recente desafio é apresentar a joalheria contemporânea como arte. (Thomas Cohn, entrevista concedida por em 9 Outubro 2014).

desconhecimento que os artistas visuais tinham em relação à joalheria contemporânea, “hay muy poca gente en México dedicada a las artes que sabe de la existencia de la joyería contemporánea”<sup>22</sup>.

Agora, para ir mais longe, um dia, e para me candidatar pela primeira vez (candidatura à SP-Arte), que acabou não acontecendo, mas eu chamei um crítico respeitado como é o Agnaldo Farias...eu o chamei à minha casa, coloquei umas 15 ou 20 joias em cima de uma mesa. Agora vou te pedir um bom motivo porque isso não é arte. Não fiz a pergunta contrária, não é arte. Ele olhou e disse: isso é arte. Eu disse: se eu tivesse que fazer um catálogo, você escreveria sobre isso? Ele disse, sim, porque não? Ou seja, não estou sozinho nisso<sup>23</sup>.

Cohn tentou, por duas vezes, participar da SP Arte, feira de arte de São Paulo, convidou Agnaldo Farias<sup>24</sup> para escrever um catálogo para a mostra que faria na feira, que acabou não acontecendo, pois sua candidatura foi rejeitada. Portanto, a resistência, segundo Cohn, é fruto do desconhecimento e próprio do que ocorre quando se abre um mercado novo. Por fim, resistência, desconhecimento, falta de escolas e de espaços expositivos são condicionantes que existem nos dois países, Brasil e México. Por isso, surgem experiências com trabalho coletivo, o trabalho em forma de ativismo e a intenção de criar uma agenda de atividades para apresentar e definir o que é a joalheria contemporânea.

Com relação à formação dos integrantes do “Sin Título”, com exceção de Zina que é restauradora, todos fizeram formação em design. A aproximação e interesse por joalheria ocorreu ou por um percurso familiar, ou pelo conhecimento do campo através de uma disciplina ofertada na Universidade, ou pelo conhecimento de uma pessoa, professor ou amigo que lhes apresentou ao universo da joalheria. Contudo, foi no Simpósio “Walking in the gray área”, em 2010, que eles vivenciaram o segmento da joalheria de arte.

Para Holinka, os dois simpósios, “Walking in the gray área” (2010) e “En Construcción” (2012) foram decisivos para definir o segmento da joalheria contemporânea para eles, que estavam no México, e que conheciam essa abordagem da joalheria por livros e pela internet. A possibilidade de reunir, trocar e conectar com pessoas interessadas na mesma atividade foi decisivo para promover o surgimento do coletivo de artistas joalheiros mexicanos. Portanto, os Simpósios foram responsáveis por promover a descoberta da joalheria contemporânea.

Nesse sentido, a associação é performativa os integrantes do “Sin Título” deram início e se

---

<sup>22</sup> Tem poucas pessoas no México dedicadas às artes que sabem da existência da joalheria contemporânea. (Poleta Rodete, entrevista concedida em 26 Março 2015).

<sup>23</sup> Thomas Cohn, entrevista concedida em 9 Outubro 2014, São Paulo.

<sup>24</sup> Agnaldo Farias é professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, USP, crítico de arte e curador. Foi Curador Geral do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1998/2000) e Curador de Exposições Temporárias do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (1990/1992). Realizou curadorias para a Fundação Bienal de São Paulo e da 1a. Bienal de Johannesburgo (1995). Atualmente é consultor de curadoria do Instituto Tomie Ohtake. Autor de alguns livros de arte. Publica regularmente artigos e críticas em alguns dos principais jornais e revistas nacionais e é correspondente da revista de arte espanhola “Artecontexto”. Disponível em: <http://dcult-agnaldofarias.blogspot.com.br/> Acesso em 5 Novembro 2015.

reconhecem como grupo na medida em que formaram o coletivo a fim de encontrar um objetivo que reunisse pessoas em torno de uma atividade que tem a joia como resultado de uma expressão artística. A definição do coletivo também é performativa, já que nela se encontra um esforço por sua manutenção, assim como por demarcar suas diferenças com as outras formas de atuar em joalheria. Esse aspecto de luta por se apresentar e constituir um segmento profissional é também denominado de ativismo por Holinka. De acordo com Latour (2012), o mundo social só pode ser captado quando ocorre alguma mudança, por mais sutil que seja, na qual se opera uma diferença com uma associação mais antiga. Nesse sentido, esse movimento contínuo e performativo do ativismo praticado pelo “Sin Título”, implica em precisar ser representado constantemente a fim de definir a joalheria contemporânea.

#### **4. Conclusão**

Identificou-se uma série de aspectos que impactam na atuação do joalheiro contemporâneo, tais como: escolas de formação, pontos para comercialização e colecionadores. De modo que, a solução que esses profissionais encontram para garantir o sustento e permanecer atuante na categoria consiste no desempenho de outras atividades dentro e fora do campo. Os trabalhos alternativos identificados variaram bastante, alguns são designers industrial, como Brenda Fariás, que trabalha para a indústria moveleira, enquanto outros atuam como designers de marca comercial de joalheria, ou como docente. Ainda do México, Holinka se ocupa com o blog, cujo foco da ação reside em comunicar e divulgar a joalheria contemporânea. Dessa forma, no caso do coletivo “Sin Título”, as reuniões acontecem em horário alternativo ao do trabalho remunerado; quer dizer, seus membros trabalham no horário comercial, quando é exigido cumprir esse horário, e se dedicam ao trabalho do coletivo à noite e nos finais de semana. Quem tem o horário mais flexível, além de se dedicar às atividades do coletivo à noite, também frequenta a sala que eles possuem no centro da Cidade do México. Portanto, além da atuação no coletivo “Sin Título”, todos possuem uma fonte de renda em outras atividades.

Mais uma vez, identificou-se que a atuação dos membros da categoria da joalheria contemporânea é condicionado por alguns fatores, inicialmente destaca-se a dificuldade em operar exclusivamente na própria categoria, conduzindo-os a trabalhar em outras áreas, inclusive em trabalhos temporários ou por projetos e/ou ainda serem financiados pela família, compreendido no sentido de um alargamento da permanência na casa dos pais ou através do suporte de um cônjuge que os permitem trabalhar no que gostam. Além disso, outros aspectos estão interligados à dificuldade de atuação na categoria; de um lado, tem-se a ausência de escolas para essa formação específica, o que os levam a ser autodidatas no fazer joalheria de arte; de outro, como bem lembra Thomas Cohn, as escolas além de formar, geram uma movimentação em torno da atividade; por isso, nas localidades onde se encontram essas escolas, há uma concentração de pessoas

interessadas nas questões que envolvem o objeto de estudo, gerando, conseqüentemente, um movimento em torno da atividade profissional.

Por fim, vale lembrar as observações contidas no artigo do Murray (2014), as quais despertaram minha curiosidade e motivaram o meu interesse pelo coletivo de artistas joalheiros mexicanos. Em seu artigo, o autor aponta que a atuação do coletivo “Sin Título” fora uma forma de driblar as condições desfavoráveis com as quais os atores se deparavam no México, onde, diferentemente do contexto da Europa, não encontravam espaços expositivos ou colecionadores. Contudo, ao contrário desse argumento, o que se observou nas performances desses atores, foi o ativismo social, o empenho em difundir e desenvolver a joalheria contemporânea no México. O sentido aqui empregado para ativismo refere-se aos novos modos de engajamentos político, conduzindo a ação dos joalheiros contemporâneos no esforço em constituir uma categoria. Para isso, promovem eventos, palestras, convidam outros membros como porta-vozes para darem seus depoimentos e, dessa forma, auxiliarem na construção da categoria. Quer dizer, o coletivo de joalheiros mexicano sabe que o público interessado pela joalheria de arte é muito reduzido, por isso, elegeram como foco de ação, essa forma de ativismo objetivando expandir sua comunicação a mais pessoas, para, aí sim, poder criar condições de atuação. Portanto, nesse momento, a luta é centrada em instituir a categoria.

## 5. Referências

ESCUDEIRO, Holinka. Sin Título. Cidade do México, La Chiclera, 2014. Disponível na internet por http em: <<http://holinkaescudero.com/blog/>> Acesso em 19 de nov. 2014.

LATOUR, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator rede. Salvador: Edufba, 2012.

\_\_\_\_\_. A Dialog on Actor Network Theory. Paris: Bruno Latour, 2004. Disponível na internet por http em: <<http://www.brunolatour>>

MURRAY, Kevin. Keeping the Faith with Contemporary Jewelry: The Rise of the Collective in Mexico, Taiwan, and Beyond. São Francisco: Art Jewelry Forum, 2014. Disponível na internet por http em: <<http://www.artjewelryforum.org>>. Acesso em 30 nov. 2014

TURNER, Victor W. O processo Ritual: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

Videla, Ana. N. B. Joalheria, arte ou design? Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Design. Recife, 2016.